



*O RELEVO TERRESTRE NOS LIVROS DIDÁTICOS DE GEOGRAFIA DO 6º ANO DO
ENSINO FUNDAMENTAL*

Isonel Sandino Meneguzzo¹

Paula Mariele Meneguzzo²

RESUMO: Este texto tem como principal objetivo apresentar uma discussão acerca dos conteúdos referentes ao relevo terrestre presentes em dez livros didáticos utilizados por escolas da rede pública e particular de ensino do Brasil. Alguns conteúdos apresentam-se numa perspectiva tradicional, sem apresentar nenhuma aplicação prática no dia a dia dos educandos. Adicionalmente os itens presentes nos livros por vezes apresentam-se sem qualquer relação com aspectos socioambientais. Além disso, algumas obras trazem conteúdos descontextualizados e conhecimentos superficiais sem uma devida problematização. Ações deveriam ser implementadas, por autores de livros didáticos e professores, no sentido de compreender a importância do estudo do relevo no âmbito da Geografia escolar. Neste sentido, sugere-se a utilização da criticidade como forma de abordagem dos conteúdos, a fim de que os educandos realmente compreendam aspectos que permeiam suas vidas, contribuindo assim para que haja a formação de um cidadão atuante em seu cotidiano.

Palavras-chave: Relevo Terrestre, Ensino de Geografia, Ensino-Aprendizagem.

¹ Mestre em Ciência do Solo e Doutor em Geografia, ambos pela UFPR. É professor permanente do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG).

² Mestre em Gestão do Território pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). Leciona como professora QPM da Secretaria de Estado da Educação do Paraná desde 2009.

*THE TERRESTRIAL RELIEF IN GEOGRAPHY TEXTBOOKS IN THE 6TH YEAR OF THE
ELEMENTARY SCHOOL*

ABSTRACT: This paper has as main objective to present a discussion of content for the terrestrial relief present in ten textbooks used by public and private schools in Brazil. Some contents are still the subject of a theoretical and methodological perspective uncritically, without presenting any practical application in everyday life of the students, without concatenation with other items presents in the books and without relation to social and environmental aspects. In addition, some works bring content knowledge and decontextualized surface without a proper problematization. Actions should be implemented for authors of textbooks and teachers, in order to understand the importance of the study of the relief within the school Geography. In this sense, it is suggested the use of criticality as a way to approach the content, so that students really understand the issues that permeate their lives, contributing to the formation of a citizen active in their daily lives.

Key words: Terrestrial relief, Teaching of Geography, Teach-learning.

*EL RELIEVE DE LA TIERRA EN LIBROS TEXTO DE GEOGRAFÍA EN EL SEXTON
GRADO DE LA ESCUELA PRIMARIA*

RESUMEN: Este texto tiene como objetivo presentar un análisis de los contenidos relacionados con el relieve de la tierra en diez libros texto utilizados en las escuelas públicas y privadas de Brasil. Algunos de los contenidos son presentados en una perspectiva tradicional, sin proporcionar ninguna aplicación práctica en la vida cotidiana de los estudiantes. Además, los artículos presentados en los libros por veces se presentan sin tener en cuenta los aspectos socioambientales. Algunas obras llevan el contenido descontextualizado y con el conocimiento superficial sin cuestionamiento adecuado. Las acciones deben ser implementadas por los autores de libros texto y los profesores con el fin de comprender la importancia del estudio del relieve dentro de la Geografía escolar. En este sentido, se sugiere el uso de la criticidad como metodología de acercamiento a los contenidos, para que los estudiantes realmente comprendan aspectos que permean sus vidas , contribuyendo así a la formación de que hay un ciudadano activo en su vida diaria.

Palabras-clave: Relevo terriestre, Enseñanza de la Geografía, Enseñanza y el Aprendizaje.

INTRODUÇÃO

A Geografia, assim como outros campos do conhecimento científico sofreram forte influência das correntes filosóficas do positivismo e do neo-positivismo ao longo dos séculos XVIII, XIX e XX. No âmbito acadêmico, pode-se pontuar como década-chave de uma mudança paradigmática da Ciência Geográfica a década de 1970 (MORAES, 2002), quando da apreensão da teoria crítica pelos então geógrafos em exercício nas academias brasileiras. Das universidades para as escolas, certo tempo se levou até professores começarem a tomar contato com a aplicação desta teoria no campo da Geografia, bem como ministrar suas aulas fundamentadas nesta corrente geográfica que então surge: A Geografia Crítica.

A Geografia ensinada nas escolas foi repensada durante a década de 1980 quando o movimento de renovação do ensino realizou esforços na melhoria da qualidade do ensino, promovendo uma revisão dos conteúdos, da abordagem metodológica e de sua relação com outras disciplinas (PONTUSCHKA, PAGANELLI e CACETE, 2007). Assim, o caráter de criticidade pode ser considerado como algo relativamente recente, no âmbito da Geografia escolar. Foi a partir da década de 1990 que os professores começaram a adotar uma postura teórico-metodológica fundamentada na criticidade no âmbito da Geografia ensinada nas instituições de ensino fundamental e médio (PARANÁ, 2008).

Em tese³, superada a abordagem da descrição de fatos e fenômenos físicos e da mera exposição de dados quantitativos alusivos a áreas continentais e populacionais, por exemplo, a Geografia nos dias atuais é vista como uma disciplina capaz de contribuir para a formação de um cidadão crítico e atuante enquanto parte constituinte da sociedade democrática em que vive (BRASIL, 1998).

Com o uso da abordagem teórico-metodológica, pautada em elementos da teoria crítica no âmbito da Ciência Geográfica, tal como exposto acima, o ensino desta disciplina começou a ter mudanças, porém, os manuais (livros didáticos) ainda levariam certo tempo para apresentarem alterações substanciais em relação à implementação da criticidade em seus textos. Pode-se afirmar que somente ao longo da década de 1990, após a promulgação da Constituição Federal, da publicação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN'S) é que alguns livros didáticos começaram a ser concebidos numa perspectiva crítica. Adicionalmente, as discussões

³ Em termos práticos, existe um número significativo de educadores que ainda se posicionam de uma forma tradicional perante os conteúdos de livros didáticos, das Diretrizes Curriculares Estaduais e Parâmetros Curriculares Nacionais de Geografia em todo o país. MORAES (2002) indica que em termos teóricos a Geografia Tradicional está morta, porém, ainda subsiste em mentes e instituições conservadoras.

realizadas nas universidades (KIMURA, 2008) contribuíram para que abordagens teórico-metodológicas diferenciadas fossem aplicadas na concepção dos livros didáticos de Geografia em todo o país.

O relevo terrestre, entendido enquanto um componente do meio físico é de suma importância no ensino da Geografia, pois a mesma ao estudar a interação da sociedade com a natureza pode fornecer importantes subsídios aos educandos no sentido de apreensão dos conhecimentos geográficos. Dessa forma, a abordagem do docente no âmbito da Geografia escolar deve ser pensada tomando como ponto de partida a ideia de que os educandos tenham uma compreensão consistente do espaço, e o mesmo seja entendido numa perspectiva dinâmica e inter-relacionado com os demais componentes ambientais e sociais que o constituem, em detrimento de uma abordagem compartimentada dos assuntos.

Perante essa linha de raciocínio é que este artigo foi concebido, com o intuito de apresentar uma discussão acerca dos conteúdos referentes ao relevo terrestre presentes em dez livros didáticos de Geografia. Os mesmos são utilizados por escolas da rede pública e privada de ensino do país, sendo que neste trabalho foi identificado qual o seu nível de detalhamento, a inter-relação do relevo com os demais conteúdos e a aplicabilidade dos mesmos diante das questões atuais que permeiam a sociedade.

O LIVRO DIDÁTICO DE GEOGRAFIA

O livro didático é, sem dúvida um dos principais referenciais dos professores de Geografia, seja para elaborarem seus planos anuais antes do início do ano letivo, seja como um instrumento didático-pedagógico a ser utilizado em sala de aula.

No Brasil, o livro didático entrou na pauta de discussões e ações do governo por volta da década de 1930 e, atualmente, escolas públicas e privadas em todo o país fazem uso deste material.

Especificamente no âmbito da Geografia, até a década de 1950, os livros eram redigidos de uma maneira discursiva, indicando e informando conceitos e temas sendo que este estilo vigorou até por volta da década de 1970 (KIMURA, 2008).

Castellar e Vilhena (2010) comentam que em tempos de inovações tecnológicas sendo utilizadas na educação, o livro didático ainda continua sendo um dos suportes mais relevantes no ambiente escolar e é, sem dúvida, o mais utilizado e solicitado. As mesmas autoras complementam argumentando que muitos professores o transformam em um simples compêndio de informações, isto é, utilizam-no como um fim, e não como um meio, no processo ensino-aprendizagem.

Andrade (1989) coloca que o livro didático é relevante no ensino da Geografia, porém, ressalta que o professor deve ter uma posição independente e crítica, não se limitando ao/ou a um livro. O autor argumenta também que é necessário haver uma adaptação ou complementação dos conteúdos de acordo com as características das várias turmas para as quais leciona.

Atualmente, existem inúmeras coleções de livros didáticos que circulam comercialmente no âmbito do território brasileiro. As concepções teórico-metodológicas são diversificadas, abrangendo obras com caráter tradicional, socioconstrutivista e crítico, para citar alguns exemplos.

A influência do conhecimento científico, produzido nas academias é significativo, porém, um livro didático é também considerado como um produto a ser comercializado pelas editoras. Dessa forma, deve-se deixar claro que, muitas obras são concebidas conforme as demandas de mercado.

Nesse sentido:

O livro didático, que exerce papel ativo quase como elemento autônomo no processo ensino-aprendizagem, deve ser compreendido:

- a) como elemento de intermediação no referido processo;
- b) como produto-contêiner do conhecimento que é comercializado e precisa ter qualidade em termos de conteúdo, formatação e durabilidade (SPÓSITO, 2006, p. 57).

Portanto, os livros didáticos exercem diversas funções, abrangendo desde os aspectos referentes a um produto meramente comercial até a função essencial que deveria constituir sua razão de ser: um recurso didático para intermediação na relação professor-aluno/aluno-professor, no processo ensino-aprendizagem.

Indiferente da aceção que se tenha a respeito dos livros didáticos, certamente os professores devem ter ciência do que o livro não deve ser:

Independentemente do manual adotado pelo professor (que até pode ser o "melhor" em termos de conteúdo e tratamento pedagógico de vocabulário, das questões propostas, da adequação aos ensinamentos da psicologia educacional, etc), o que se constata na realidade é que o livro didático constitui um *elo* importante na corrente do discurso da competência: é o lugar do *saber definido*, pronto, acabado, correto e, dessa forma, fonte última de referência e contrapartida dos "erros" das experiências de vida. Ele acaba, assim, tomando a forma de *critério* do saber, fato que pode ser ilustrado pelo terrível cotidiano do "veja no livro", "estude, para a prova, da página x até a y", "procure no livro", etc. (VESENTINI, 2008, p. 55)

Nota-se, portanto, que o livro didático constitui uma espécie de "bíblia" a ser lida e seguida ao pé da letra, pois contém o conhecimento "verdadeiro" e único.

Ainda Vesentini traz que:

Contudo, é possível manter uma outra relação com o livro didático. O professor pode e deve encarar o manual não como o definidor de todo o seu curso, de todas as suas aulas, mas fundamentalmente como um instrumento que está a serviço dos seus objetivos e propostas de trabalho. Trata-se de usar criticamente o manual, relativizando-o, confrontando-o com outros livros, com informações de jornais e revistas, com a realidade circundante (VESENTINI, 2008, p. 56).

Cabe então destacar que o livro didático deve (ria) ser utilizado de uma forma em que o professor ponderasse todas as atividades possíveis de serem realizadas com esse importante instrumento didático-pedagógico tornando-o eficiente no processo educacional da Geografia escolar.

METODOLOGIA

Este trabalho foi concebido por meio de revisão bibliográfica envolvendo o assunto relevo terrestre. Os dados foram coletados em dez livros didáticos atualmente em circulação no país. As fontes pesquisadas envolveram as seguintes publicações: Livros didáticos do 6º ano (5ª série) de Geografia (escolhidos aleatoriamente), os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN'S) e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), materiais estes editados pelo Ministério da Educação.

Dessa maneira, a análise dos conteúdos das obras levou em consideração os itens e subitens presentes nas publicações e a confrontação e a relação destes com o que é preconizado pelos PCN'S e LDB os quais, teoricamente, devem auxiliar na fundamentação do trabalho docente no processo ensino-aprendizagem.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise dos conteúdos foi realizada levando-se em consideração os aspectos envolvendo conteúdo (conceitos e teorias), abordagem teórico-metodológica e a relação do assunto relevo terrestre com os demais itens presentes nos livros didáticos.

Os conteúdos trazidos pelos livros didáticos são variados e possuem diferentes abordagens empregadas pelos autores. No que tange à quantidade e à qualidade dos conteúdos dos livros existe uma diversidade significativa, tendo em vista a possibilidade que os PCN'S de Geografia instituem.

Pressupõe-se que tal documento já estimule o docente a trabalhar os assuntos de Geografia numa perspectiva crítica. Porém, um problema de ordem teórico-metodológico que pode ser citado, diante desse contexto é a confrontação da abordagem que os autores dos livros didáticos realizam nos livros e o que é preconizado, pelos PCN'S. Alguns autores dizem abordar os assuntos de uma maneira crítica, porém, o que se nota é que a abordagem ainda é tradicional, com conteúdos descritivos, descontextualizados e fragmentados em relação aos

demais assuntos presentes nos livros. Ocorrem também publicações que insistem em simplesmente apresentar conceitos sem uma devida problematização.

Ressalta-se que, por mais que estejamos vivenciando um momento em que a visão/abordagem crítica vem se destacando, seja no âmbito acadêmico, seja no âmbito da execução de projetos educacionais, certos assuntos ainda apresentam-se sem a demonstração de aplicabilidade no cotidiano dos educandos e sem relação com os aspectos sociais que também constituem o arcabouço epistemológico da disciplina de Geografia. Associa-se a isso a simples identificação e descrição de formas de relevo sem uma explicação consistente, confirmando assim, seu caráter eminentemente descritivo.

No quadro a seguir são apresentados os autores e conteúdos (itens e subitens) presentes nos dez livros analisados:

Quadro 1 – Conteúdos referentes ao relevo terrestre nos livros didáticos de Geografia do 6º ano do Ensino Fundamental

Autor(es)	Item (ns)	Subitem (ns)
Garcia e Bellucci (2009)	As paisagens e as relações entre elementos	As paisagens possuem características únicas (relevo e hidrografia; O relevo e o clima; As relações entre os elementos naturais e culturais das paisagens; o relevo e a forma urbana)
Magalhães <i>et al.</i> (2010)	O espaço da vida na Terra	As formas na superfície terrestre; Agentes construtivos e transformação do relevo submarino
Boligian <i>et al.</i> (2009)	A dinâmica do relevo paisagens terrestres	O relevo e suas formas; As altitudes do relevo brasileiro
Sampaio (2009)	Formação e modelado do relevo terrestre	Agentes externos; Agentes internos: placas tectônicas, vulcões e abalos sísmicos; As unidades de relevo
Carvalho e Pereira (2009)	A geografia física dos ambientes terrestres: água e relevo	Desgaste e construção na superfície; Outros fatores que modelam o relevo; A dinâmica do relevo e as sociedades humanas
Sene e Moreira (2009)	As relações do humanos com a natureza	As formas da Terra
Tamdjan e Mendes (2008)	Litosfera II: o relevo	Forças internas do Planeta: tectonismo; Agentes externos: formação do relevo

		e intemperismo; A formação do relevo terrestre; As formas do relevo terrestre: planaltos, planícies, montanhas e depressões
Adas (2010)	Agropecuária e condições naturais relevo e solo	Relevo, solo e agricultura
Danelli (2009)	Relevo e hidrografia	As principais formas do relevo terrestre; Os processos de formação e transformação do relevo; O relevo brasileiro
Vesentini e Vlach (2011)	Litosfera: solo e relevo	Rochas e minerais: o que são?
	Litosfera: as formas do relevo	As formas do relevo, os agentes externos e os seres vivos e o relevo

Autores como Garcia e Bellucci (2009) propõem trabalhar o tema relevo terrestre tendo como ponto de partida um dos conceitos chave da Geografia que é a paisagem. Trata-se inicialmente de paisagens naturais, como se formaram, a interação dos elementos naturais, como relevo e hidrografia e relevo e clima, para que, posteriormente seja abordada as relações entre os elementos naturais e culturais das paisagens. Os autores supracitados propõem ainda que o relevo e a forma urbana também sejam trabalhados com os discentes, de modo que não seja apenas dada ênfase a interação dos elementos naturais, mas também na relação sociedade-natureza.

Carvalho e Pereira (2009) trazem a dinâmica do relevo e as sociedades humanas numa perspectiva crítica. Estes autores estabelecem uma relação existente entre os elementos do meio físico com o aspecto social. Dessa forma, problematizam a questão referente aos recursos naturais e seu uso pelas sociedades humanas.

O livro de Adas (2010) propõe que o tema em questão, relevo terrestre, seja abordado de uma maneira contextualizada, trabalhando primeiramente a agricultura e a pecuária, para na sequência tratar dos temas solo e relevo. Deste modo a abordagem permite ao professor trabalhar o assunto de forma contextualizada e integrada, e não de modo compartimentado, fazendo com que o educando consiga perceber que para o desenvolvimento da agricultura e pecuária são necessárias condições do meio físico adequadas, caso contrário poderá haver danos materiais e/ou ambientais, como não desenvolvimento adequado da lavoura e processos erosivos, respectivamente.

Os demais livros apresentam os conteúdos com caráter teórico-conceitual e descritivo. Ficaram evidentes que as ilustrações (mapas, fotografias e figuras) bem como atividades complementares são consistentes diante da abordagem por eles trazidas. Porém, o caráter crítico é ausente, considerando que teorias e conceitos são apresentados, porém não problematizados e contextualizados de forma adequada.

Adicionalmente, pôde-se notar a compartimentação do conteúdo relevo, ou seja, o assunto é trazido de uma forma em que outros componentes do meio físico, tais como solos, águas, climas e vegetação não são tratados numa perspectiva de inter-relação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O relevo terrestre constitui-se num importante elemento do meio físico. Portanto, o estudo deste componente do ambiente é de suma importância no que se refere ao entendimento de aspectos da dinâmica externa do planeta Terra, da influência na distribuição geográfica das sociedades humanas, da fauna e da flora e de sua interferência na gênese e evolução dos solos, bem como por servir de suporte para a implantação de infraestruturas como estradas, rodovias, ferrovias e residências, dentre outras.

Com o intuito de contribuir para a formação de cidadãos aptos a compreenderem aspectos do mundo em que vivem, os conteúdos alusivos ao relevo terrestre deve(riam) ser trabalhados conforme o contexto socioambiental dos educandos, evidentemente trabalhando conceitos de forma problematizada e contextualizada. Dessa maneira, os mesmos devem ser tratados de uma maneira em que os alunos compreendam a importância do estudo do relevo e das conseqüências das atividades humanas em locais que não sejam propícios a determinadas ações antrópicas. Adiciona-se a isso a necessidade de mudança de visão e utilização dos livros didáticos, pois os mesmos devem ser encarados e empregados na prática pedagógica como instrumentos auxiliares para se atingir um fim no processo ensino-aprendizagem e não como um manual pronto e acabado que deve ser reproduzido na íntegra com os estudantes.

Diante dessa circunstância, a abordagem pautada na criticidade torna-se viável no processo ensino-aprendizagem da Geografia escolar, pois permite a compreensão contextualizada dos conhecimentos que envolvem o relevo terrestre, bem como facilita a demonstração da aplicabilidade dos mesmos no dia a dia dos educandos.

Das obras analisadas, poucas são as que fazem relações com os processos produtivos e com o contexto dos educandos, bem como com a demonstração da aplicabilidade dos conhecimentos que envolvem o estudo do relevo terrestre.

Deve-se fazer menção ao papel dos educadores que, perante a definição de uma abordagem teórico-metodológica, do planejamento anual e de seu próprio posicionamento político-pedagógico enquanto formadores de cidadãos realmente críticos, devem atrelar suas práticas a uma problemática e, conseqüentemente a um contexto, socioambiental e numa escala geográfica (local e/ou regional).

Nesse sentido, medidas deveriam ser implementadas, por autores de livros didáticos e professores, no sentido de aprimorar os conteúdos referentes ao relevo terrestre para a disciplina de Geografia e para os educandos. É de fundamental importância o papel do professor, o qual deve, por meio de sua prática pedagógica promover o diálogo entre livro didático e educando e executar o papel de mediador no processo ensino-aprendizagem com vistas a tentar suprir esta carência trazida por boa parte dos livros didáticos ora pesquisados.

REFERÊNCIAS

ADAS, M. **Geografia**. 5. ed. São Paulo: Moderna, 2010.

ANDRADADE, M. C. **Caminhos e descaminhos da Geografia**. Campinas: Papirus, 1989.

BOLIGIAN, L. et al. **Geografia, espaço e vivência: introdução à ciência geográfica**. 3.ed. São Paulo: Atual, 2009.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Geografia (terceiro e quarto ciclos)**. Ministério da Educação e Cultura: Brasília, 1998.

CARVALHO, M. B.; DIAMANTINO, A. C. **Geografia do mundo**. São Paulo: FTD, 2009.

CASTELLAR, S.; VILHENA, J. **Ensino de Geografia**. São Paulo: Cengage Learning, 2010.

DANELLI, S. C. S. **Projeto Araribá: Geografia**. São Paulo: Moderna, 2009.

GARCIA, V. P. ; BELLUCCI, B. **Projeto Radix: Geografia**. São Paulo: Scipione, 2009.

KIMURA, S. **Geografia no ensino básico: questões e propostas**. São Paulo: Contexto, 2008.

MAGALHÃES, C. et al. **Geografia**. São Paulo: Editora do Brasil, 2010.

MORAES, A. C. R. **Geografia: pequena história crítica**. 18.ed. São Paulo: Annablume/Hucitec, 2002.

PARANÁ. 2008. **Diretrizes Curriculares da Educação Básica: Geografia**. Secretaria de Estado da Educação, Curitiba, 100 p.

PONTUSCHKA, N. N.; PAGANELLI, T. I. ; CACETE, N. H. **Para ensinar e aprender Geografia**. São Paulo: Cortez, 2007.

SAMPAIO, F. S. **Para viver juntos: Geografia**. São Paulo: Edições SM, 2009.

SENE, E. ; MOREIRA, J. C. **A Geografia no dia-a-dia**. Scipione, São Paulo, 2009.

SPÓSITO, E. S. O livro didático de Geografia: necessidade ou dependência? Análise da avaliação das coleções didáticas para o ensino fundamental. p. 55-72. In: SPÓSITO, M. E. B. (Org.). **Livros didáticos de Geografia e História: avaliação e pesquisa**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2006.

TAMDJIAN, J. O. **Estudos de Geografia: como funciona o mundo, 6º ano**. São Paulo: FTD, 2008.

VESENTINI, J. W. **Para uma geografia crítica na escola**. São Paulo: Editora do autor, 2008.

VESENTINI, J. W. ; VLACH, V. **Geografia crítica: o espaço natural e a ação humana**. São Paulo: Ática, 2011.